

2 Nascimento e desenvolvimento da TVP

Como vimos atualmente a Terapia de Vida Passada tem saído do campo exclusivamente esotérico e adentrado no meio profissional, sendo usada como técnica terapêutica por alguns psicólogos e psiquiatras, que a utilizam mesmo sendo esta, não legalmente reconhecida pelos conselhos federais pertinentes.

Entretanto para entendermos como esta técnica surgiu e chegou até esse nível de aplicação, precisamos entender que pressupostos motivaram esta trajetória. Veremos que acreditar na reencarnação não é a única crença fundamental envolvida na aplicação desta técnica. Para que a TVP possa ser aplicada, não basta acreditar em vidas passadas, é preciso crer que a memória dessas vidas pode ser resgatada de maneira controlada e voluntária. Após crer que essas memórias pudessem ser resgatadas, alguns psicólogos consideraram a hipótese de que o resgate delas podia ser usado em um processo terapêutico.

2.1. A crença na reencarnação

A relação da TVP com terapêuticas alternativas, espiritualidade ou ocultismo obviamente não é casual. Como o próprio nome da técnica já evidencia – terapia de *vida passada* – aparenta aceitar como fato uma crença de forte cunho religioso e espiritualista: a reencarnação, também conhecida como metempsicose. A crença na reencarnação tem por princípio a idéia de que o espírito do ser humano após sua morte reencarna em um novo corpo vivendo assim várias vidas durante sua existência. Esta crença é bastante comum em diversas religiões e filosofias orientais como o budismo, hinduísmo, o jainismo entre outros, que possuem milhões de adeptos no mundo inteiro. Mas não só no oriente esta crença

é difundida, no ocidente a crença na reencarnação tem se tornado cada vez mais aceitável. Mesmo em países predominantemente católicos e protestantes cada vez mais pessoas têm se tornado adeptos desta idéia, muitas vezes contrariando os dogmas da religião que praticam oficialmente. A fala inconformada do Padre Ariel Alvarez Valdez em um artigo que escreveu para a revista "Tierra Santa" . Denota bem esta situação.

É realmente assombroso constatar como cada vez é maior o número daqueles que, embora se digam católicos, aceitam a doutrina da Reencarnação. Uma pesquisa realizada na Argentina pela empresa Gallup revelou que 33% dos entrevistados acreditam na Reencarnação. Na Europa, 40% da população aceitam esta crença. E, no Brasil, nada menos de 70% dos brasileiros são reencarnacionistas. E mais: 34% dos católicos, 29% dos Protestantes e 20% dos sem religião admitem a Reencarnação (Valdez, 2005).

Como vimos, no Brasil esta crença é muito aceita provavelmente por duas razões fundamentais. A primeira é que o povo brasileiro de uma maneira geral se mostra culturalmente bastante aberto à diversidade religiosa, bem como ao misticismo e espiritualidade de uma maneira geral. Outro fator preponderante para a popularização da crença na reencarnação pelo povo brasileiro se deve ao fato de que no Brasil se encontra a maior população espírita do mundo.

A doutrina espírita tem como crença fundamental que os seres humanos têm um espírito que transcende o corpo. Este espírito seria imortal e teria a capacidade de viver diversas encarnações. Em suma, o principal fundamento da religião espírita¹ é a própria crença na reencarnação.

No decorrer do trabalho, analisaremos com mais cuidado até que ponto a doutrina espírita influenciou e difundiu a TVP no Brasil. Entretanto, neste momento, o objetivo é destacar que atualmente a crença na reencarnação tem tido uma boa receptividade por parte de uma quantidade significativa do povo brasileiro.

¹ Não é consenso afirmar que o espiritismo é uma religião. Alguns autores – em especial espíritas – procuram considerar o espiritismo como uma ciência. Outros preferem afirmar que é uma doutrina ou uma filosofia. Não é o objetivo deste trabalho entrar nesta contenda. Cabe aqui somente ressaltar a principal crença deste movimento que tem se popularizado no Brasil.

É válido ressaltar que a idéia de reencarnação se originou em antigas tradições religiosas, em especial as orientais. No entanto, nos últimos anos alguns pesquisadores têm tentado comprovar cientificamente a reencarnação. Um dos pioneiros nesse trabalho é o Prof. Hemendra Nath Banerjee (1929-1985), que foi diretor do departamento de parapsicologia da Universidade de Rajasthan, Índia e fez uma série de investigações acerca de crianças que, aparentemente, se lembravam de suas vidas anteriores. Trabalhou nesta pesquisa durante mais de vinte anos e chegou a ter mais de três mil casos catalogados.

Atualmente, um dos estudiosos de maior renome na área da reencarnação é o Dr. Ian Stevenson, diretor do Departamento de Psiquiatria e Neurologia da Escola de Medicina da Universidade de Virgínia nos EUA. Publicou em 1971 o livro que no Brasil recebeu o título *20 casos sugestivos de reencarnação* (Stevenson, 1971). Basicamente, assim como o professor Banerjee, Stevenson pesquisa casos de crianças que têm supostas recordações de vidas passadas, procurando encontrar provas concretas destas lembranças, muitas vezes indo até onde a criança alega ter vivido, e inquirindo-a a respeito de lugares e familiares para comprovar a veracidade das lembranças relatadas. Outro autor que também se destaca na tentativa de comprovar cientificamente a reencarnação é o brasileiro Dr. Hernani Guimarães Andrade.

Embora os trabalhos dos autores supra citados sejam sérios e de propósitos científicos, e mesmo apresentando diversos casos curiosos e de difícil explicação, nenhum deles foi capaz de apresentar provas contundentes e irrefutáveis da existência da reencarnação. Suas pesquisas baseavam-se em grande parte a uma “rememoração” *espontânea* de crianças que relatavam memórias que aparentemente elas não poderiam ter. Este fato não prova necessariamente a reencarnação, entretanto, para aqueles que acreditam nesta idéia uma nova possibilidade investigativa se abriu. Se fosse possível lembrar de outras vidas de forma espontânea, seria possível lembrar de uma vida passada também de forma induzida?

2.2. “Rememorando” vidas passadas

Dentro das concepções necessárias para que a TVP tivesse realmente condições de surgir, não bastava somente acreditar que uma pessoa pudesse ter tido outras vidas, afirmando assim a crença na reencarnação. Em um rompimento parcial com o dogma reencarnacionista de diversas tradições espirituais, surgiu uma nova perspectiva. Agora era necessário que se acreditasse também que essas vidas passadas pudessem ser de alguma forma *intencionalmente* lembradas.

Diversas pesquisas começaram a ser feitas a respeito. Em um primeiro momento o objetivo era o de provar a existência da reencarnação e, em segundo, a sua possível rememoração. A idéia não era muito diferente daquelas que tentavam provar a reencarnação através de relatos espontâneos de pessoas, principalmente crianças. O propósito agora era tentar fazer uma pessoa lembrar e registrar exaustivamente, com o máximo de detalhes que pudesse, as memórias de suas vidas passadas. Isto sendo feito, destacavam-se neste relato todos os dados que pudessem ser verificáveis, por exemplo, o ano que a pessoa estava, com que tipo de roupas se vestia, que tipo de ferramentas usava e via, qual era sua aparência, que eventos estavam acontecendo naquela época, etc. Tendo esses dados em mãos fazia-se uma pesquisa histórica e antropológica para conferir se aqueles dados eram realmente coerentes com a época e entre si. Por fim, através de uma análise estatística, procurou se averiguar se as coincidências ocorrentes eram significativas ou aleatórias.

Um das pesquisas que merece maior destaque em razão de sua amostra significativa e sistematização cuidadosa é o da Dra. Helen Wambach que fez uma pesquisa sistemática induzindo 1088 sujeitos a supostamente lembrar suas vidas passadas. O desenvolvimento de sua pesquisa foi posteriormente detalhado no livro publicado em 1978 e que no Brasil recebeu o título de “Recordando vidas passadas – depoimentos de pessoas hipnotizadas”.

Após uma série de casos e situações supostamente inexplicáveis que Wambach encontrou na sua carreira de psicóloga, ela, que a princípio se denominava uma pessoa cética, começou a se interessar por fenômenos sobrenaturais, dentre eles a capacidade de lembrar outras vidas. Tendo já um

conhecimento prévio em hipnose ela induziu alguns de seus pacientes, que se mostravam mais predispostos a acreditar em vidas passadas, registrando seu relato e depois fazia um estudo histórico para confirmar se os dados eram coerentes. Mesmo encontrando algumas coincidências sugestivas em determinados casos, ela logo percebeu que aquela pequena amostra seria insuficiente para se chegar à conclusão de que aquela memória era de uma encarnação passada, ou pura fantasia.

A metodologia da pesquisa de Wambach consistia em hipnotizar diversos grupos de cerca de vinte pessoas cada, de maneira rigorosamente igual, para que estes tentassem rememorar algumas de suas vidas passadas. Ela tinha consciência que de que as memórias relatadas podiam ser apenas fantasias, ou quem sabe um tipo de montagem mista entre imaginação e conhecimentos históricos adquiridos em livros, filmes e dados históricos em geral. Por essa razão, durante as três regressões às quais submetia cada grupo, procurava contrastar esse fato, induzindo os sujeitos a épocas históricas distintas, algumas sobre os quais em geral há maiores dados históricos conhecidos pela população leiga e outros pouco conhecidos. Questionava se as imagens de épocas conhecidas seriam mais nítidas do que a de épocas obscuras.

[...] na primeira viagem conduzi meus sujeitos a cinco períodos de tempo, que eles poderiam conhecer por ter lido um livro ou por ter assistido a um filme de cinema. Em seguida, como contraste, na segunda viagem levei a períodos sobre cuja vida não era provável que tivessem informações. A primeira viagem seria mais vívida? Se a rememoração de uma vida pretérita não passava de fantasia, teria de ser mais nítida nos períodos sobre os quais possuímos informações que podemos intercalar em nossas fantasias (1978, p. 74).

Wambach, durante um seminário que durava um dia inteiro, conduzia seus grupos para diferentes épocas, sempre pedindo aos sujeitos após cada regressão que antes de expressar qualquer opinião anotassem sua experiência detalhadamente em um questionário previamente elaborado e distribuído. Munida destes questionários partiu para a análise dos resultados. Seu foco na análise era encontrar discrepâncias ou semelhanças históricas verossímeis. Considerava que, caso muitas semelhanças fossem encontradas entre o relato dos sujeitos com fatos históricos verificáveis, estaria assim provada a possibilidade de rememoração de vidas passadas.

Depois de reunir os questionários dos meus sujeitos no fim de cada seminário, eu repassava história por história a fim de verificar as possíveis inexatidões. Raciocinei que, se a rememoração de uma vida pregressa fosse fantasia, meus sujeitos incluiriam em suas regressões material cuja falsidade me seria fácil provar. Eles poderiam ter visto anacronismos de uma ou de outra espécie – roupas e arquitetura em total desacordo com a quadra [época] e o lugar que tivessem escolhido – ou um clima e uma paisagem que não se ajustassem ao mapa por eles revelado. Destarte, a primeira providência que se impunha na análise dos dados consistia em procurar discrepâncias definidas no relato de vidas passadas (Wambach, 1978, p.94).

Wambach afirma que encontrou poucas discrepâncias gritantes nos relatos de seus sujeitos. Entretanto contextualiza este fato explicando a dificuldade de encontrar determinados dados históricos para uma pesquisa mais acurada. Uma das razões para este fato se deve à falta de estudos históricos minuciosos sobre determinadas épocas, em especial as mais antigas, da história humana.

Outro fato interessante que prejudicou a averiguação consistente de muitos dos dados coletados é que, na sua amostra, a maioria dos seus casos eram de classe pobre, e geralmente os registros históricos mais detalhados eram feitos sobre as classes dominantes. Esta estatística contrasta com a impressão de boa parte do senso comum que acredita que quando as pessoas são submetidas a técnicas para se lembrar de vidas passadas geralmente trazem lembranças de ter sido alguém importante e poderoso, o que não seria coerente já que é de notório saber que a maioria da população mundial independentemente da época em que viveu, era pobre. Wambach indaga se a confirmação de sua amostra de que a maioria das memórias se deve a existência de uma vida pobre poderia ser um indício de que essas memórias podem ser verdadeiras.

Como resultado da análise de seus dados Wambach afirma que

Meus dados confirmaram, sem dúvida, o dito “temos sempre os pobres conosco”. A classe inferior representava 60 a 77% de todas as vidas em todos os períodos de tempo. [...] Se meus sujeitos fantasiaram, compuseram fantasias desoladas e despojadas. A grande maioria deles passou a vida vestindo roupas grosseiras tecidas em casa, morando em rústicas choupanas, comendo cereais, que tirava com os dedos de tigelas de madeira. [...] A produção de alimentos para si e para os que os cercavam era a principal preocupação de quase totalidade de meus sujeitos. Se estivessem fantasiando, escolheriam, porventura vidas de trabalho tão baixo e tão pesado para rememorar? (*Ibid*, p.98).

Wambach em sua pesquisa levantou milhares de dados que foram organizados e quantificados, estudando diversas características das memórias relatadas pelos seus sujeitos. Estudou detalhes como vestimentas, arquitetura, alimentação, datas, ferramentas, situação de morte entre outros. Alguns deles, contudo estão nitidamente passíveis de distorções, e pouco contribuem para se obter conclusões significativas. Todavia, a autora destaca dois fatos que averiguou em sua pesquisa, e que acredita serem os mais fortes indícios de que a rememoração de vidas passadas é possível de ser realizada.

Um deles decorre do fato da igualdade de gêneros. Wambach fez sua pesquisa com duas amostras. A primeira tinha em torno de setecentas pessoas sendo que desta 78% eram de mulheres. Na segunda amostra de aproximadamente trezentos sujeitos a diferença entre homens e mulheres era bem menor, sendo 45% de homens e 55% de mulheres. Em ambas as amostras houve uma proporção aproximada de 50-50% (levando em conta a margem estatística de erro) entre vidas lembradas como homens e mulheres. Segundo a autora esta igualdade entre os gêneros quase em todas as épocas é verídica. O fato desses números se confirmarem independentemente da quantidade de cada gênero dos sujeitos pesquisados indicaria uma memória verdadeira.

O outro fato que Wambach considerou preponderante para corroborar a hipótese de que aquelas memórias podiam ser realmente de vidas passadas e não somente fantasia, se deve à constatação de que alguns dos seus sujeitos apresentavam memórias de situações que, para eles mesmos, pareceriam contraditórias. Segundo o conhecimento do próprio sujeito submetido à regressão, certos detalhes na imagem que ele via não condiziam com o seu saber histórico. Ao investigar estas situações Wambach descobriu que muitas vezes aquela determinada característica destoante que o sujeito relatava na verdade era correta, era o sujeito que não tinha conhecimento daquele pormenor. Argumenta que uma pessoa dificilmente fantasiaria algo que ela mesma não sabia ser possível e que o fato da discrepância se mostrar verídica confirmaria ainda mais que aquela memória não era pura fantasia.

Isso aconteceria muitas e muitas vezes enquanto eu verificava os dados de cada caso e, no meu entender, o material que coligi em minha pesquisa foi o mais probatório de todos. Se a lembrança da vida passada não passasse de fantasia, seria de se esperar que as imagens fossem proporcionalmente pelo nosso

conhecimento consciente da história. Quando as imagens contrastam com o que imaginamos ser verdadeiro e, não obstante, após cuidadoso estudo, se revelam exatas, temos de rever o conceito de que rememoração de vidas passadas é mera fantasia (*ibid*, p. 94).

A pesquisa de Wambach possui inúmeros outros detalhes interessantes, mas que não cabem para o presente trabalho. A quantificação demonstrada nas diversas tabelas estatísticas que compõem sua pesquisa parece, de fato, confirmar uma série de situações históricas. No entanto, nenhum dado coletado, seja ele confirmado ou não, parece plausível e consistente o suficiente para provar categoricamente a existência de vidas passadas ou sua possível rememoração. Wambach em suas conclusões confirma este fato.

Uma das contribuições mais relevantes para a criação da TVP, que pesquisas como a de Wambach traz, não se limita à questionável tentativa de se tentar provar a existência de vidas passadas ou sua rememoração. É nos relatos posteriores de alguns de seus sujeitos que se abriria o caminho para uma utilização terapêutica destas supostas memórias de vidas passadas. Wambach relata em seu livro, que vários sujeitos afirmaram que depois das regressões – em especial aquelas que vivenciavam a morte – superaram certos medos e fobias que lhes eram inexplicáveis ou incuráveis até então.

[...] alguns sujeitos fizeram referência a fobias que se dissipavam depois de terem passado pela experiência da morte numa existência anterior. Comentários típicos foram os seguintes: - Eu costumava ter pavor de água, mas depois que experimentei morrer afogado na existência passada, parece que já não tenho medo dela. - Eu costumava ter medo de cavalos, sem saber por que. Agora que sei que morri de um coice de cavalo na vida que vivi no século XVIII compreendo melhor meu medo. Ainda não venci de todo, mas já me sinto muito mais à vontade perto de um cavalo (*ibid*, p. 163).

Pela primeira vez se falava sobre a hipótese de que lembrar de vidas passadas poderia ser curativo e terapêutico. A justificativa para esta característica é que situações muito difíceis e traumatizantes que se vive em uma vida anterior podem vir a gerar sintomas como fobias em uma vida posterior. Sendo que as situações que mais geravam este tipo de trauma seriam as mortes brutais, sofridas em vidas pretéritas.

[...] É provável que as mortes ocorridas em vidas passadas, carregadas de emoções negativas pouco antes da experiência final, pudessem redundar em fobias na vida presente. [...] Muitos sujeitos me procuraram depois de haverem recuado em suas memórias os seminários de vidas passadas, e contaram que se tinham *dissipado fobias* em resultado da experiência da morte na vida anterior (*ibid*, p.123, grifo nosso).

A tentativa de se provar a existência da reencarnação foi um dos caminhos que culminaria na invenção da TVP, mas não seria o único.

Houve outras situações que foram trazidas à tona por alguns terapeutas tradicionais que afirmavam que, em algumas sessões, aplicavam a regressão para descobrir se encontravam as origens de um determinado sintoma na vida do seu cliente, geralmente na infância. Ao buscar por esse trauma reprimido, os terapeutas se depararam com memórias e imagens que não condiziam com a vida “atual” daquele cliente. Alguns deles demonstraram surpresa e incompreensão diante deste fenômeno, terminando por atribuir àquelas imagens a vidas passadas, mesmo sem ter, em sua trajetória profissional, cogitado sobre esta hipótese.

Um bom exemplo desta situação foi descrito pelo psiquiatra Brian L. Weiss. Em seu livro *Muitas vidas muitos mestres*, relata o início de sua trajetória no campo de vidas passadas, que ocorreu inesperadamente quando submetia à hipnose uma de suas clientes com problemas persistentes. Weiss na época não considerava a hipótese reencarnacionista, sendo adepto de métodos científicos tradicionais, e ficou surpreso com o fenômeno que viria a mudar toda sua perspectiva terapêutica. No livro citado, faz um estudo detalhado deste caso.

Anos de estudo disciplinado haviam me permitido treinar a mente como cientista e como médico, conduzindo-me ao longo de estreitas veredas no conservadorismo da minha profissão. Desprezava tudo aquilo que não fosse passível de ser provado por métodos científicos tradicionais. [...] foi nessa altura que encontrei Catherine. Durante dezoito meses utilizei métodos convencionais para a ajudar a ultrapassar os seus sintomas. Quando parecia que nada funcionava, tentei a hipnose. Numa série de estados de transe, Catherine recordou de memórias de «vidas passadas», [...] em meia dúzia de meses os seus sintomas desapareceram, e ela retomou a sua vida, mais feliz e mais em paz do que alguma vez estivera (1998, p. 9).

O livro de Weiss foi escrito de forma mais romanceada do que científica, todavia ele alega serem verídicos todos os acontecimentos nele relatados. Para entender o contexto da receptividade deste tema, vale lembrar que o livro se

tornou um *best seller* mundial tendo tido mais de 38 edições produzidas somente no Brasil, denotando assim seu enorme sucesso. *Muitas vidas muitos mestres* seria apenas seu primeiro livro abordando este tema. Muitos mais se seguiram.

Para aqueles que já compartilhavam a crença na reencarnação, considerar a hipótese de que as vidas passadas podem ser lembradas e, em especial, supor que lembrar destas vidas pode vir a curar ou amenizar problemas e sintomas da vida presente foi uma abertura promissora. O berço já estava montado, a terapia de vida passada estava pronta para nascer.